

DEPOIMENTO

Hildete Bahia da LUZ

Coordenadora do Curso de Enfermagem
Período: 21/10/1977 à 01/03/1980

Sobre a fundação da faculdade de enfermagem

Eu trabalhava em São Paulo, no plano de saúde de São Paulo, junto à Organização Mundial de Saúde, dava aula na Faculdade de Medicina de Jundiaí e dirigia o curso técnico de enfermagem da mesma faculdade. Era uma faculdade particular, pequena, no interior de São Paulo.

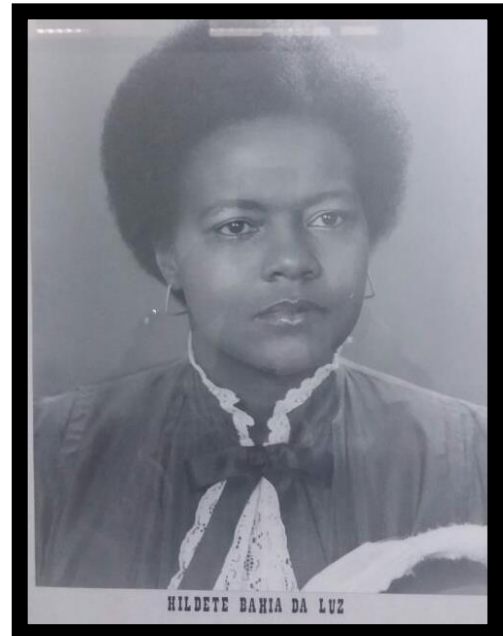
Nesta época Kurt Kloetzel, meu amigo, veio a Pelotas fazer uma palestra, sobre diabetes, e neste momento, à nível nacional, estava acontecendo o segundo plano de desenvolvimento brasileiro (PND), que previa que no ano de 2000 o Brasil deveria ter um número "X" de enfermeiros por habitantes. Então o Kurt voltou, e perguntou se eu gostaria de ir para Pelotas.

No primeiro momento, eu não queria, devido a cidade ser muito longe e não conhecer a mesma, mas aí o Naum Keisserman que era diretor da Medicina na época (faculdade privada naquele período), também me convidou, e então resolvi vir, mas no primeiro momento apenas para conhecer. Viemos para cá em junho, em um dia chuvoso, conheci a Universidade, e vi que era uma boa ideia, e eu como enfermeira já tinha uma posição boa, então assinei o contrato e logo em seguida voltei ao Rio de Janeiro, no hospital Anna Nery, onde fiz mais uma pós-graduação, sobre metodologia do ensino e da pesquisa, para poder voltar e planejar a faculdade.

Voltamos, nos instalamos, as questões burocráticas foram revolvidas e então começamos a redigir o primeiro projeto da faculdade. Digo começamos, porque eu convidei para trabalhar comigo a Helena Maria da Rocha Conceição. Juntas, começamos a redigir, e não foi nada fácil, pois começamos do zero, não tinha nada escrito. Me contaram que antes de nós vieram duas enfermeiras de Porto Alegre e que desistiram por causa do frio.

Começamos a redigir o projeto em julho de 1976, e em agosto o projeto foi enviado para Brasília. Foi um trabalho monstruoso, desde a primeira ementa que era a disciplina de anatomia. Criamos o primeiro currículo com algumas inovações, porque realmente a gente tinha algumas experiências diferentes, porque não tinha faculdade aqui, somente em Porto Alegre. Aqui não tinha nada na área da enfermagem, tinha só medicina e odontologia.

Já começamos inovando, com a disciplina de Métodos e Técnicas de Enfermagem, já no primeiro semestre, e esses métodos e técnicas eram divididos em



2 ou 3 etapas, onde as alunas já iam de imediato ter o primeiro contato com o paciente. Também colocamos a disciplina de Psicologia I, que era para facilitar este intercâmbio do aluno e o cliente da época, e fomos trabalhando só nós duas. Então começamos a fazer os concursos para os primeiros professores. Claro que toda burocracia nos atrapalhava bastante, residência em hotel, longe da família e ainda tinha o frio...

Saiu a primeira disciplina justamente em janeiro de 1977. A gente comemora em agosto, porque antigamente contava-se após dar entrada no Ministério da Educação e Cultura (MEC), que no caso foi em agosto de 1976. Fomos também várias vezes em Brasília, onde registramos os acontecimentos na câmara de deputados, com Ulisses Guimarães e o pessoal da educação. Havia uma enfermeira muito interessante, Ligia Paim, que nos ajudou muito.

Então fomos escrevendo as outras disciplinas, claro nós éramos poucas enfermeiras, e então solicitamos a Salvador, que foi onde me formei, que fizessem um concurso lá, para poder vir professores para cá, porque no Rio Grande do Sul só tinha a Faculdade de Enfermagem em Porto Alegre e em Santa Maria, só havia uma faculdade privada de religiosas e a Universidade Federal de Santa Maria (a qual surgiu na mesma época), assim como a de Rio Grande. Éramos todas do mesmo grupo, que foram para o Rio de Janeiro fazer a especialização e voltamos para trabalhar.

Então fizemos uma seleção (não concurso), com os professores da Bahia, que nos mandaram a Silvia Lucia, que está em Santa Catarina, a Denildes Oliveira, que se aposentou aqui. Depois entramos em contato com a Paraíba, que aí veio a Valquíria, a Maria da Glória. Assim, ficamos nós seis para dar conta de toda faculdade.

Neste tempo estudávamos noite e dia. Vivíamos para a Faculdade porque tínhamos que dar conta, e, afinal era um desafio, pois o departamento de Enfermagem ficou solto. Funcionalmente nós éramos vinculadas à Odontologia, pois a Medicina não era federal. Por acharmos que não estava certo, discutimos até conseguirmos criar um Departamento de Enfermagem, para depois a Medicina se federalizar, e nós ficarmos no Departamento da faculdade de Medicina, e era um curso, e não faculdade, curso de enfermagem e obstetrícia porque era um parâmetro da época aumentar o quadro de obstetrias, para diminuir o índice de mortalidade infantil, e esse era o fundamento.

O que a gente criou com o marco conceitual da faculdade na época, era assistir o homem, como um ser biopsicossocial envolvido no seu equilíbrio "holístico". O sentido é que deveria ser um ser tão bem integrado no seu ambiente que seria um ser mais holístico do que físico. Queríamos tirar a visão de cuidar somente da doença, por isso nós começamos com os métodos e técnicas no ambulatório e com a Psicologia que também ia para o ambulatório cuidar das questões psicológicas do indivíduo.

Nesta disciplina de métodos e técnicas, já existia a visita domiciliar, pois tínhamos a visão que a doença não devia ser prioridade, então era muito bom, pois na disciplina de saúde pública nós mandávamos os alunos lerem Kafka, e o aluno

tinha que ler e entender o que estava ali. Na epidemiologia trabalhávamos com módulos, pois não queríamos aquela epidemiologia apenas numérica, até porque eu não era boa de matemática e nem de estatística.

Quando chegou no estágio hospitalar de métodos e técnicas contratamos a primeira enfermeira da cidade, que era a Neiva Lunardi, uma freira que trabalhava na Santa Casa e se desvinculou da religião, para trabalhar conosco. Tínhamos intercâmbio com Santa Maria pois essa enfermeira tinha contato com o hospital de lá. Aí veio métodos e técnicas, enfermagem médico cirúrgica, sempre com o enfoque em saúde pública. Nós tínhamos 60% de saúde pública e 40% de saúde hospitalar.

Inovamos também criando o estágio curricular e o trabalho de pesquisa no final do curso, foi a primeira faculdade de enfermagem no Brasil que criou a disciplina de administração e o estágio complementar, que agora não existe mais. O estágio complementar era interessante porque a aluna fazia todo curso aqui e no último semestre ela ia para fora. Teve alunas que foram para Brasília, Alemanha, Porto Alegre; porque eu trabalhava com a ideia que a enfermagem aqui era muito fechada, e que as alunas precisavam ver muitas outras coisas. Naquela época tinha toda uma política que a enfermeira não podia ser notada, então a primeira coisa que fizemos foi tirar a toquinha da enfermagem, e colocar maquiagem nas alunas, pois nós trabalhávamos com as alunas que o enfermeiro tem que ser uma pessoa que viva e viva bem, e seja feliz com o que faz.

O problema era que na anatomia, que por ser uma disciplina básica, os professores não tinham noção do que era ser enfermeiro. Era um trabalho horroroso, porque eu tinha que sentar em reunião com os professores e mostrar as ementas que tínhamos feito, que dizia o que almejávamos em cada disciplina. Na primeira turma a anatomia foi um desastre. Elas eram 40 e só passaram oito. Foi uma briga enorme, então começamos a fazer módulos de aula, eu sentava com o professor de anatomia para discutir todos conteúdos, a professora de anatomia desta época era a Citânia Ramil. Então fizemos um curso de verão com a finalidade de conseguir juntar a turma, pois naquela época cada disciplina era pré-requisito; parasito e bioquímica também deram bastante problema. Tivemos todas estas limitações nas básicas, pois pegamos a reforma universitária, então tivemos que adaptar todas as disciplinas. Tivemos muitos problemas, pois como já mencionei todos professores não entendiam o que era necessário para formar um enfermeiro. Outra professora da primeira turma foi Judite Viegas, professora de genética, pela qual conseguimos fazer com que as alunas vissem e trabalhassem com os códigos genéticos.

A primeira semana de enfermagem foi um marco importante, e conseguimos fazer no primeiro ano do curso. A cidade só tinha atendentes de enfermagem nos ambulatórios. O tema da Semana de Enfermagem foi “As origens da enfermagem na cidade de Pelotas” e conversamos com os velhos atendentes, afinal eram eles que faziam a enfermagem na cidade. Falamos também com o pessoal da Cruz Vermelha, e então fizemos um grande seminário com os atendentes de enfermagem, onde os mesmos contaram sua prática, seu fazer, e após criamos um grande documento que foi publicado. Nossa preocupação era porque sempre houve um atrito profissional

entre o enfermeiro/atendente/auxiliar e isto hoje ainda se mantém, mas com este evento conseguimos criar uma relação favorável, pois os atendentes se sentiram valorizados.

Os campos de estágio eram na FAU que não é a mesma de hoje, mas sim a faculdade de Medicina que funcionava na Beneficência Portuguesa, e lá era uma coisa horrível, pois era um leito dividido com uma cortina. Nós vínhamos com toda uma teoria, pois eu tinha um curso de arquitetura hospitalar e foi uma briga, com seriedade, conhecimento e respeito, pois são valores muito importantes. Nossa maior discussão era que os médicos não tinham noção do que era o fazer do acadêmico de enfermagem, pois até aquele momento eram as freiras que comandavam e faziam tudo, assepsia, alimentação, bem-estar do paciente não eram coisas consideradas.

Então para resolvermos este problema o professor de técnica cirúrgica da Medicina, nos convidou para dar aula na Medicina de técnicas básicas de enfermagem. Claro que houve resistência, mas mesmo assim fomos dar aula na Medicina valorizando o que era papel da medicina e o que era papel da enfermagem. Conseguimos com isto, criar um clima muito bom no ambiente de trabalho. O que eu queria na realidade eram aulas conjuntas, mas só realizamos com os alunos da Medicina. Foi uma experiência muito boa. Outra dificuldade era que não existia internet, então para dar tudo certo nas aulas, eu vivia em cima dos livros. Eu falava também sobre o uso correto do jaleco dentro das dependências no ambiente hospitalar, o uso de luvas. A ideia desta disciplina foi mostrar para eles na equipe de saúde existe lugar para todo mundo, é só cada um saber delimitar o seu espaço. Não foi fácil, mas o resultado foi muito satisfatório, pena que hoje não exista mais isso.

Outros campos de estágios dos alunos foram: Santa Casa de Misericórdia, Hospital de Clínicas, Hospital Miguel Piltcher (que era ortopedia). Ainda tínhamos convênio com o Clínicas de Porto Alegre, Fêmea e outros de diversas cidades. Também tínhamos convênio com a maternidade de Canguçu devido a obstetrícia. E os postos eram da prefeitura e da faculdade de Medicina: FRAGET, Capão do Leão (que na época era Pelotas) e Virgílio Costa.

Nesta época a faculdade saiu do centro da cidade, que estava instalada fisicamente, que primeiro estava instalada em somente uma sala ali no Instituto de Ciências Humanas. Depois fomos para Osório, onde hoje é o Museu. Quando fomos para lá ficamos realizadas com o espaço que tínhamos. Era aluno tocando instrumento musical; era aluna com filho, pois não tinha com quem deixar; formamos uma família, pois eram de 30 a 60 alunos.

Depois fomos para a Medicina, onde podemos ter um espaço ainda maior e mais proximidade com os médicos. Com a Nutrição também conseguimos uma boa relação, pois a Nutrição também foi fundada quase na mesma época. Então essa é nossa origem, do segundo PND, onde duas pessoas foram convidadas a vir fundar a faculdade. Claro que não fiquei todo tempo aqui. Foi preciso viajar para fazer especialização; depois fiz um mestrado em Porto Alegre na área de educação. Não fiz doutorado porque não queria fazer em Santa Catarina. Também passei dois anos

em Maceió como assessora da reitora, e depois em Recife. Viajava bastante, porque eu gosto de estar sempre buscando novos conhecimentos.

Outra coisa que o curso inovou foi permitir que o curso tivesse licenciatura junto. O acadêmico se formava em graduação em enfermagem e licenciatura plena em enfermagem. Então as turmas recebiam dois diplomas. Com os professores da educação também tivemos problemas, pois as professoras não entendiam o que nós queríamos. Então para mim os pontos altos da fundação da faculdade foram o estágio complementar, a monografia e a licenciatura, pois isto ampliava o mercado de trabalho.

A experiência de vida que tive não dá para narrar, pois esta cidade sempre foi uma cidade formal, e eu vinha de grandes centros. Eu, pessoa jovem, buscando novas experiências. Sei que fiz um ótimo trabalho e sempre discuti e defendi a nossa profissão e a faculdade de Enfermagem.

Desde a fundação sempre demos valor a pesquisa. A primeira foi o trabalho com os atendentes de enfermagem da semana de enfermagem. Naquela época as pesquisas eram mais quantitativas do que qualitativas, onde pesquisamos como já mencionei a história da enfermagem na cidade.

Uma batalha que não consegui vencer, foi a de transformar o curso em faculdade. Fui coordenadora por muito tempo e também fui chefe de departamento. Montamos a primeira turma de pós-graduação na área de saúde pública, e, então a Elodi venceu a eleição de mim. Eu me aposentei, quando a Elodi assumiu o processo de transformar o curso em faculdade estava sendo montado.

Também criamos o primeiro curso de auxiliar de enfermagem voltado para saúde pública dentro da Universidade, onde eu era a coordenadora.

O único ponto negativo que considero da minha passagem pela Faculdade de Enfermagem, foi a difícil aceitação dos outros grupos de professores das disciplinas básicas, pois era difícil para eles, que tinham o domínio do conhecimento na cidade, entender que podia chegar uma pessoa, ainda por cima mulher, jovem, negra, nordestina e enfermeira, pois existia e ainda existe o preconceito.

Publicação: 2016-08-24